



Sumário

INTRODUÇÃO – A ERA DO RÁDIO	11
Um breve flashback ▪ 15	
Em torno do pai, algum mistério ▪ 16	
A honra na contradança ▪ 19	
1. “AO POVO EM FORMA DE ARTE”	25
Agitar também é cultura ▪ 34	
2. UM CHAMADO, UMA CONFIRMAÇÃO	39
3. DOS VERSOS ÀS CANÇÕES PARA VENDER	43
Samba <i>versus</i> indústria cultural ▪ 46	
4. NA DOR EXTREMA, A REVIRAVOLTA	55
Do samba à literatura ▪ 60	

5. O NEI DA VILA DE NOEL	69
Política, terno e gravata ▪ 74	
Parcerias e influências ▪ 77	
6. DO CANDOMBLÉ À <i>SANTERÍA</i>	87
7. RACISMO E ACADEMISMO	93
O incômodo autodidatismo ▪ 95	
Criações em três vertentes ▪ 98	
8. “MORO NA ROÇA, IAIÁ...”	107
CONCLUSÃO – “... A ÚNICA COISA QUE EU POSSO TE DAR”	115
BIBLIOGRAFIA	119



Introdução – A era do rádio

As manchetes dos jornais do Rio de Janeiro (que, na época, era a capital federal), no sábado, 9 de maio de 1942 – dia em que nasceu o cantor, compositor, pesquisador e escritor Nei Lopes –, ainda repercutiam o afundamento do navio mercante brasileiro *Parnahyba*, torpedeado oito dias antes, próximo à ilha venezuelana de Trinidad.

Aquele foi um ano conturbado no cenário nacional e internacional. Nas rodas de bate-papo, pelas praças e botequins do Rio de Janeiro, os temas mais comuns eram a condenação da decisão do presidente Getúlio Vargas de manter a neutralidade diante da guerra e a Batalha do Mar de Coral, no oceano Pacífico, a primeira em que porta-aviões norte-americanos e australianos enfrentaram os japoneses, na nascente Segunda Guerra Mundial.

Apesar de os conflitos terem começado em 1939, com a Alemanha enfrentando a coalizão franco-britânica, aquela poderia ser considerada apenas uma guerra europeia, que só se tornou mundial no final de 1941, quando os alemães invadiram

a União Soviética e o Japão bombardeou a base militar norte-americana do Pacífico, em Pearl Harbor (Havaí).

Foi a gota-d'água. Os Estados Unidos e seus aliados declararam guerra ao Japão, que recebeu apoio da Alemanha e da Itália. A mídia, porém, tratava do assunto com o mais puro maniqueísmo: era o Bem contra o Mal.

Por isso, naquele 9 de maio, o rádio apregoava aos quatro ventos: “Tragédia! O porta-aviões norte-americano USS Lexington foi afundado, levando para as profundezas do mar a tripulação de 216 jovens marinheiros americanos”... “Vingança! O porta-aviões japonês Shoho também foi posto a pique. Não se sabe o número de mortos...” “Vantagem! Dois outros porta-aviões nipônicos, o Shokaku e o Zuikaku, também foram danificados...” “Um viva aos aliados!”

Em tempos de guerras e ditaduras, heróis, vilões e mártires se multiplicam: o piloto William Bartling, do Grupo de Voluntários Americanos (AVG) – os populares “Tigres Voadores” –, a bordo do Ki-46 Dinah, bombardeou e derrubou um caça japonês; em Portugal, a polícia política de Salazar, a Pide, trocou tiros com populares que exploravam minério em Alvarenga sem autorização, e um jovem de 15 anos foi executado; na Checoslováquia, crianças judias do gueto de Theresienstadt, como o menino Tomas Kulka, de 7 anos, foram deportadas para o campo de extermínio nazista de Sobibór, na Polônia, e morreram envenenadas com gás.

Getulio Vargas, porém, aparentemente simpatizante do fascismo, havia escrito em seu diário, em janeiro de 1942¹: “Pare-

1. Vargas, Getulio. *Diário (1930-1942)*. São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: FGV, 1995.

ce-me que os americanos querem nos arrastar à guerra, sem que isso seja de utilidade, nem para nós, nem para eles”. Essa decisão pró-aliados só aconteceu no mês de agosto, quando pracinhas da Força Expedicionária Brasileira (FEB) foram enviados para lutar na Itália.

Porém, em maio daquele ano, os ataques a navios mercantes brasileiros atribuídos a submarinos alemães criaram um clima de insegurança entre os marítimos. Por isso, no final daquele mês, Vargas publicou o Decreto-Lei n. 4.350², que dispunha “sobre a contagem do tempo de serviço dos marítimos empregados nas linhas consideradas de risco agravado” e os sujeitava “aos preceitos disciplinares e penais militares”. Uma medida visava assegurar “a regularidade dos transportes marítimos e vantagens ao pessoal nele empregado”.

Naquele momento, o rádio ainda não tinha assumido a postura de disseminar o ódio contra Hitler e Mussolini. Sua missão específica era satanizar os japoneses, missão que cumpria com uma dedicação quase obsessiva. Quem não odiasse japonês não merecia ser chamado de brasileiro.

A iminência de o Brasil entrar na guerra pairava no ar – só não se sabia ainda de que lado – e tornava cada vez mais tenso e cinzento aquele sábado, 9 de maio, quando a dona de casa Eurydice de Mendonça Lopes chamou pelo marido, o pedreiro Luiz Braz Lopes, e avisou que começara a sentir as primeiras contrações do parto.

Aos 54 anos, seu Luiz já estava acostumado com esse alerta. Afinal, já era a décima quarta vez que vivia momento semelhante.

2. Publicado no *Diário Oficial da União* de 31 de maio de 1942.